

SALOMAO IBN GABIROL  
O ESOTERISMO DO POETA-FILOSOFO  
ANÁLISE DO POEMA KETHER MALKHUTH

POR  
AMÍLCAR PAULO

O Prof. D. David Gonzalo Maeso é um dos lentes universitários cujo trabalho se projectou para fora das aulas e até das fronteiras ibéricas. Assim, a sua regência da cadeira de língua e literatura hebraicas traduziu-se sob o ponto de vista editorial, quer por uma edição da “Historia de la Literatura Hebrea - Bíblica, Rabínica, Neojudaica”, quer por uma série de estudos que nos dão a conhecer o movimento *sephardim* na Península Ibérica e a herança espiritual que os hispano-hebreus nos deixaram. Investigador probo cujos escritos transpiram, para além de uma informação muito escrupulosa e actualizada, uma grande seriedade e urbanidade intelectuais.

Hebraísta insigne, o seu principal campo de interesse tem sido a panorâmica cultural judaica na Espanha muçulmana, merecendo-lhe especial carinho o poeta e filósofo Salomão ibn Gabirol como o próprio Mestre afirma a propósito de uma sua comunicação - “El malagueño S<sup>l</sup>omoh ibn Gabirol, poeta y estilista árabe”, que acaba de salir a luz en nuestra MISCELÁNEA DE ESTUDIOS ÁRABES Y HEBRAICOS (1969-1970), y constituye nueva demostración de mi especial de-

voción hacia este gran malagueño...” (MISCELÁNEA DE DE ESTUDIOS ÁRABES Y HEBRAICOS, vol. XXI, fasc. 2.º, 1972).  
Perante esta facto e em face da grande variedades de estudos de especialistas, consagradas ao engenho e arte de Ibn Gabirol o presente trabalho mais não pretende ser do que uma modesta contribuição para juntar à obra do autor consagrado que tão justamente queremos homenagear. O facto de Salomão Ibn Gabirol ser pouco conhecido, entre nós portugueses, já que a generalidade dos meus compatriotas crêem ainda que a civilização judaico-árabe nos tocou apenas na apiderme, valoriza ainda mais o nosso interesse pelo poeta-filósofo. Outro ponto, este muito particular, do nosso interesse pela *Kether Malkhuth* é o nosso apego, desde longa data, ao Esoterismo, já que para nós, a história do maravilhoso humano é manifestação mais fecunda do poder criador do espirito. Surgem as gerações no dobar interminável dos tempos, sucedem-se impassivelmente os séculos e o homem numa ânsia perturbadora e exaustiva aspira insaciavelmente os eflúvios capitosos do mistério da vida e da existência.

É o eterno problema do homem, da vida, das virtualidades do psiquismo humano. Concebe-se facilmente a magnitude do problema. A metafísica será una síntese de tendências sem correlativo ontológico? O hermetismo egípcio, sucedâneo directo do transcendentalismo caldaico e indico, a alquimia, a cabala, as grandes aspirações obsidiantes da meia-idade esotérica serão alguma coisa diferente dum vácuo esterilizante? O simbolismo, a astrologia, a clarividência terão algo duma realidade concreta?

O âmbito dos conhecimentos humanos é tão restrito ainda, a verdade é um tão insondável abismo, que se justifica por vezes a prescrutação das formas esporádicas do passado científico da humanidade.

Tavez a metafísica esquecida e abandonada de velhos cédices tenha a seiva vitalizadora de alguns postulados de espirito, do sentimento humano, fonte ignorada e fecunda, germinal de muitas verdades que se não atingem.

Toda a interligação da duração temporal linear com o tempo sagrado nos levou a debruçar-nos sobre a mística judaica e daí o nosso grande interesse e apreço pelo poema *Kether Malkhuth*. Dá-nos força tentarmos este ligeiro ensaio o pró-

prio Professor Don David Gonzalo Maeso ao afirmar: “A las grandes figuras de la Historia y quizá más todavía a los gigantes de las Letras y Artes, resulta difícil a veces, por la riqueza y complejidad de su personalidad y la influencia ejercida sobre sus contemporáneos y generaciones siguientes, hacerles un retrato único, completo y verídico en todas sus dimensiones; de ahí la conveniencia de repartirse esa tarea entre varios, como es el caso presente, con lo cual se consigue, al propio tiempo que una mayor hondura y más exactos perfiles, una fusión de entusiasmo y provechosos trabajos de investigación, coincidentes en la misma finalidad de ensalzar y encomiar al personaje objeto de sus afanes”. (MISELANEA DE ESTUDIOS ÁRABES Y HEBRAICOS, vol. XXI, fasc. 2.º, 1972).

São inúmeros os estudos espanhóis e de outras origens, referentes ao insigne poeta e filósofo medieval. É justo dar aqui evidência à dívida que todos os que se dedicam aos estudos gabirolianos contrairam com o exemplar biógrafo Prof. J. M. Vallicrosa, cujas obras “Selomó ibn Gabirol como poeta y filósofo” e “La poesía Sagrada Hebraicoespañola” são excepcionais produtos de trabalho de investigação, fecundada por vigilante inteligência crítica. Também não poderemos esquecer os estudos do nosso homenageado, como sejam a maior parte do capítulo XVII do “Manual de Historia de la Literatura Hebrea”, o estudo-conferência “El tema del amor en los poetas hebraicoespañoles medievales”, o “Legado del Judaísmo Español”, etc. etc. ...

Salomão Ibn Gabirol antinge o apogeu da fama e da glória com a sua obra “Mekor H'aim” —uma das mais penetrantes da Idade Média. Escrita em árabe, fazia parte de um vasto sistema metafísico, mas infelizmente perdeu-se o seu original e dela só resta actualmente uma tradução latina bem como um resumo em hebraico. A tradução latina apareceu sob o título *Fons Vitae* com o nome do autor corrompido para Avicebron. Nesta obra Ibn Gabirol reuniu os seus conhecimentos dos filósofos gregos e árabes e mostra-nos a relação de Deus com o mundo adoptando a ideia neoplatónica da emanção. A obra é formada por cinco tratados, contendo respectivamente:

1.º Matéria e forma universal nas suas relações com a matéria física.

2.º Da substância que sustenta a corporidade do mundo.

3.º Provas da existência de substâncias simples, intermediárias entre Deus e o mundo físico.

4.º Prova que estas substâncias simples ou inteligíveis são igualmente formadas por matéria e forma.

5.º Matéria Universal e forma Universal.

Para Ibn Gabirol a fonte primária incorruptível de toda a realidade é o Ser Supremo, Uno e Incognoscível. Por um acto da sua vontade produziu uma alma composta de matéria e forma universal. Assim, Salomão Ibn Gabirol reflecte, até certo ponto, a posição de Plotino quanto à relação entre os vários graus que separam as substâncias mais complexas das substâncias simples, na hierarquia da qual se encontra o “Uno” e “Indivisível”, que por isso mesmo é perfeito, belo e sábio conforme o conceito de Platão do Absoluto, que é Deus. A unidade e a multiplicidade do processo dialéctico da filosofia platónica encontram ainda solução, nos dois conceitos matéria e espírito, o primeiro dos quais, a matéria, como conceito limite não podia constituir um conhecimento.

A incorporação de elementos de carácter científico na poesia religiosa de Ibn Gabirol antingem a máxima expressão no seu poema célebre *Kether Malkhuth* (Coroa Real) que vem a ser um hino de louvores a Deus Uno e nele medita sobre a grandeza do criador e as maravilhas do universo.

“Que a minha oração aproveite ao homen,  
 Porque ela lhe ensinará a virtude e a rectidão;  
 Nela menciono as maravilhas do Deus vivo,  
 Com concisão a sem palavras supérfluas;  
 A testa dos meus cantos de louvor coloco  
 E a denomino: Coroa Real.

A *Kether Malkhuth* - Poema harmonioso em forma de oração é uma poesia de sentido esotérico em que o autor glorifica a Divindade:

Tu vives, mas não desde um tempo limitado, nem  
 de uma época conhecida.

Tu vives, mas não por um espírito ou por uma

alma, porque Tu és a alma de todas as almas <sup>1</sup>.

Tu vives, mas não como a vida do homem, que se assemelha a uma sombra vã e que acaba pela corrupção e pelos vermes.

Tu vives, e aquele que puder atingir os Teus mistérios gozará duma beatitude sem fim, dela se nutrirá e viverá eternamente.

Tu és grande, e toda a grandeza se rebaixa perante a Tua, toda a superioridade se amesquinha.

Tu és grande, acima de toda a imaginação, mais magnífica que toda a Celeste equipagem (Merkabah) <sup>2</sup>.

Gabirol não admira só Deus. Cai em éxtase contemplativo perante o extraordinário espectáculo da natureza. Neste belo e grandioso poema, a par dos arroubos líricos de inspiração mística, Salomão Ibn Gabirol toma o tom triste dum coração desfeito, com alternâncias duma alma esperançada ou o tom magistral da ciência e da reflexão. A religiosidade e à filosofia aliam-se uma harmonia única.

É evidente a influência que os livros didácticos bíblicos exerceram sobre a poesia de Gabirol, a par da influência dos filósofos gregos e árabes. *Deus fez do nada toda a matéria sem necessidade de instrumento* Eis uma concepção gabiroliana muito próxima da concepção doutrina do verbo, no Evangelho de S. João.

<sup>1</sup> *Por um espírito ou alma, porque Tu és a alma das almas* - O texto emprega os termos *Nephesh* e *Neshmah*. Em hebraico há três palavras para designar alma, mas todas elas com um significado diferente. *Neshmah* é a emanção de Deus o puro espírito; *Ruah* e o espírito já levemente materializado, um sopro e *Nephesh* é o espírito ainda mais materializado, correspondente ao corpo astral dos teósofos. O poeta quer aqui dizer que Deus é o mais puro espírito dos espíritos tomados em toda a sua pureza.

<sup>2</sup> *Merkabah* significava carro; referência ao carro da glória Celeste mencionado pelo profeta Ezequiel na sua visão. Na época da destruição do Segundo Templo, a doutrina esotérica limitava-se a prescutar o Universo em seu conjunto sob dois aspectos: *Ma'assê Berishit* (História da Criação) e *Ma'assê Merkabah* (Historia do Carro Divino). Essa Mística da criação originou especulações cosmológicas e cosmogónicas, e este último contribuiu em grande parte para as especulações acerca dos atributos e mistérios da Divinidade.

O poeta mostra-nos os seus conhecimentos astrológicos e cosmológicos, aceitando certas influências astrológicas, comparando-as com a tradição esotérica judaica.

Ao lermos este poema parece que mergulhamos numa indistinação entre o real e o fantástico que nos situa no limiar do mito. É que, ao lado da filosofia neoplatónica, este poema de Ibn Gabirol mostra nítida influência da tradição esotérica judaica - a cabala do *Sepher Yétzirah* sobre os mistérios dos dez nomes divinos, das dez *Sephiroth*.

A criação ou formação do mundo está subordinada, segundo a tradição esotérica judaica, aos dez números elementares, primeiros chamados *Sephiroth* e às vinte e duas letras do alfabeto hebraico que representam forças inatingíveis, submetidas a combinações que variam através de toda a criação. As *Sephiroth* não são etapas: "seu fim está em seu começo, e seu começo em seu fim". Deus desenhou, combinou, colocou, permutou as *Sephiroth*. As dez *Sephiroth* e as vinte e duas letras constituem as trinta e duas sendas místicas de sabedoria com as quais Deus criou o mundo. No Universo é preciso ter em conta a existência de três elementos: a água, o ar e o fogo. A água concebe e dá à luz as trevas; o fogo concebe e põe no mundo a luz; o ar concebe e dá à luz a sabedoria. Entre Deus, que é a unidade absoluta, e o mundo múltiplo, situam-se três entidades intermediárias necessárias: o intelecto, a alma e a natureza.

Desta criação alfabética - numérica procede a Cabala e segunda esta, Deus - *Ain Sof* (Sem Limites), tudo criou por intermédio de dez atributos, números ou esferas (*Sephiroth*); delas saem emanações divinas (almas) das coisas e a elas regresam desempenhadas as suas missões. A primeira e a mais alta *Sephiroth* chama-se *Kether* (a coroa suprema) e a última das *Sephiroth* denomina-se *Malkhuth* (realeza).

Vejamos o que nos diz a Cabala, sobre a doutrina do único, dos três, dos sete e das inumeráveis vidas que daí procedem:

"O mais Antigo dos antigos, o Desconhecido dos desconhecidos tem forma e ao mesmo tempo não tem forma. Ele tem uma forma pela qual se mantém no Universo. Ao mesmo tempo não tem forma, pois que Ele não pode ser condicionado. E

quando no principio Ele revestiu esta forma (*Kether*, a Coroa, o Primeiro Logos) Ele permitiu sairem de si mesmo nove luzes brilhantes (a sabedoria e a voz formando com *Kether* a *Triade* e depois os *Sete Sephiroth* inferiores). É o Antigo dos antigos, o Mistério dos mistérios, o Desconhecido dos desconhecidos. Tem uma forma que Lhe pertence, pois Ele se nos manifesta por ela como o Homem Antigo superior a tudo, como Antigo dos antigos e como sendo o Supremo Desconhecido entre todos os desconhecidos. Mas apesar desta forma pela qual Ele se faz conhecer, entretanto permanece desconhecido. (Zohar - "The Quabballah", por Isaac Myer, p. 274-275).

E, assim, pelo texto somos obrigados a concluir que a forma não é o Antigo de todos os antigos, mas sim o *Ain Sof*.

Con relação ao principio do Universo, o Zohar ensina; "No começo era a Vontade do Rei, anterior a toda a existência manifestada pela emanção fora desta Vontade. Ele desenhou e gravou na luz suprema e deslumbrante do Quadrante (o tetragrama sagrado) as formas de todas as coisas que, de ocultas, deviam tornar-se aparentes e manifestadas". (Myer, log. cit. p. 194-195).

Nada pode existir sem possuir a imanência da Divindade. As esferas (*Sephiroth*) são entidades não naturais, formas em que todas as coisas criadas se originaram. São a causa primeira da matéria que, em união com as formas, produziu o mundo dos seres corpóreos. Ao descrever a origem do Universo, Gabirol, tal como na doutrina cabalística, concilia as ideias da emanção e criação. Deus é para Gabirol, tanto mais imanente, que os *Sephiroth* são uma emanção do seu espirito. Tal como para os cabalistas o conceito de Deus, segundo Gabirol é a *Ain Sof*, o Sem-limites, o Absoluto infinito. Como infinito, nada pode existir fora dele. Portanto, o mundo com todas as suas inúmeras manifestações estava já contido n'Ele. Mas, dado o mundo ser finito e imperfeito, não pode ter sido originado directamente do *Ain Sof*, pelo que os *Sephiroth* Constituem o meio através do qual irradiaram de Deus os elementos do Universo, sem Lhe diminuir o seu poder.

Ibn Gabirol admirando as maravilhas de Deus segue numa marcha ascendente desde os quatro elementos que forman

o globo da terra, subindo de órbita em órbita, desde a Luna através dos outros planetas até à oitava esfera na qual estão fixas as estrelas. Fechando estas oito esferas ele admite uma nona esfera que conduz as anteriores do Oriente para Ocidente. Sobre a nova esfera, que diz respeito ao movimento divino, Gabirol considera, tal como a doutrina cabalística, a 10ª esfera, a do intelecto inacessível ao pensamento humano e que serve de tálamo à glória de Deus.

Do esplendor desta 10ª esfera provêm os anjos e os espíritos puros que vivem com Deus divididos em hierarquias que formam a corte celestial, ideia aceite também pela doutrina esotérica judaica. Acima da esfera do intelecto está o trono da glória. Por baixo do trono de Deus encontram-se as moradas dos justos que se sentam *na mesa do Rei deliciando-se com a doçura dos frutos do intelecto*. A alma humana é formada, segundo a doutrina de Gabirol, por chamas de fogo do intelecto. Esta pode entrar na Eterna Glória se não pecou, ou sofrer as penas eternas, se estiver maculada. O corpo é um instrumento da alma e pelos sentidos corporais pode o homem prestar culto e adoração a Deus para merecer o perdão dos pecados. Aqui, o poeta, aproveita para humildemente confessar os seus pecados e misérias.

Na segunda parte do seu poema, ao hino de Louvores à Glória Divina, sucede-se o tom penitencial e precativo. O poeta faz um acto de contrição humilde, afirmando:

“Meu Deus, sei que as minhas iniquidades são mais numerosas do que as possa dizer e que os meus pecados são maiores de que os que possa referir. Contudo, vou mencionar parte deles, como uma gota de água é comparável ao mar e confessando-os, aplacarei talvez o rugir das suas vagas e Tu Adonay, do alto dos céus os escutarás e me perdoarás.

Eu infringi a Tua Lei, desprezei os teus mandamentos, depreciei-os no meu coração e na minha boca.”

.....

Mas toda esta confissão de Ibn Gabirol se transforma finalmente em ilimitadora confiança na bondade de Deus que concede o perdão a todo o que humildemente confessa as suas

faltas. Confia no Ser Supremo e sente-se feliz ao pensar que Deus o favoreceu, concedendo-lhe a Lei Mosaica.

Finalmente, Gabirol conclui o seu belo cântico aclamando Deus para que seja dignificado por todas as criaturas.

No século XIII, dois séculos após a publicação de *Kether Malkhuth*, dá-se em Espanha a ascensão da Cabala onde é por demais evidente a influência exercida por Ibn Gabirol.

A doutrina da vontade de Deus actuando através de intermediários para criar o mundo, como vimos, assim como a espiritualização do material que são básicos na Cabala judaica, ambas são de origem localizável no pensamento expresso pelo poeta-filósofo.